

A CONSTITUIÇÃO TRIPARTIDA DA PESSOA HUMANA

THE TRIPARTITE CONSTITUTION OF THE HUMAN PERSON

Samuel Fidelis Donatos*

O pensamento da filósofa Edith Stein desenvolve a pergunta sobre o ser humano por meio de uma filosofia da pessoa, que perpassa as suas obras desde a tese de doutorado, intitulada *O problema da empatia*, até a obra *ser finito e ser eterno*, escrita no final de sua vida. Pode-se dizer que essa pensadora parte de uma interpretação, não ideal do que seria uma pessoa, mas da experiência real, fenomênica do ser pessoa; sem a pretensão de um conhecimento exato do ser humano, pois esse não corresponderia à complexidade de sua estrutura, mas com o intuito de refletir sobre o fundamento filosófico, sem o qual qualquer intento de conhecer a pessoa humana pode gerar conceitos distorcidos e perde-se no seu objetivo. Assim sendo, o conhecimento desse fundamento é, segundo postula Alfieri (2014, p. 21), essencial para toda ciência que opere no campo das humanidades, pois só ele permite compreender a pessoa na riqueza de suas diversidade, sendo cada uma considerada como é no íntimo do seu ser.

Nesse sentido, o objetivo do presente texto é de apresentar a maneira com que essa filósofa situa como sendo três as dimensões que se inter-relacionam na unidade da pessoa humana: o corpo enquanto realidade material e como corpo próprio/vivenciado, que compõem a dimensão material; a psique, correspondente à dimensão psíquica; e o espírito, a dimensão intelectual.

CORPO: CORPO FÍSICO E CORPO VIVENCIADO

No pensamento steiniano há uma diferenciação entre corpo físico e corpo vivenciado. Aquele é uma realidade espacial, com uma forma determinada e com uma extensão tridimensional, possuindo, portanto, qualidades sensoriais – cor, dureza, textura etc. - enquanto este, embora seja um corpo material como os outros, é um corpo vivo, racional, animado por uma força vital que se infunde na dimensão física. Desse modo, o que caracteriza peculiarmente

* Graduado em filosofia pela PUC/MINAS. Graduando em Teologia no IFTDJ, da PUC Minas. E-mail: sfdonatos@yahoo.com.br.

o corpo vivo é o fato de que além de possuir características sensoriais externas, que podem ser apreendidas pela consciência, eles mesmos são detentores da capacidade de sentir.

Stein postula como primeira característica do corpo vivenciado a vinculação deste a uma consciência individual, a um sujeito; e “essa vinculação significa muito mais que uma inseparabilidade espacial. O corpo vivo, independentemente de suas qualidades sensíveis, possui uma qualidade que, enquanto tal, ocupa toda sua extensão, mas que não se encontra em nenhuma mera coisa espacial [...]” (STEIN, 2005, p. 790, tradução nossa)¹; isto é, possui uma *impressionabilidade*, pela qual é portador de sensações que não possuem uma localização determinada geometricamente, dado que pertencem também à consciência a ele atrelada. Nesse sentido, as sensações são peculiares aos corpos vinculados a um sujeito, a uma consciência, seja ela pessoal – em forma de *cogito* – ou imprecisa – como o caso dos animais –; de tal modo que a sensibilidade é uma qualidade tanto do sujeito como de seu corpo vivo, ou seja, ela possui um duplo aspecto: o corpóreo, haja vista que vinculada à materialidade do corpo físico vivo, e o anímico, tendo em vista que vinculada à vida da alma.

O indivíduo, na filosofia steiniana, é concebido como “um objeto unitário, no qual a unidade da consciência de um eu e um corpo físico se conjugam indissolavelmente” (STEIN, 1917, p. 137, tradução nossa)², isto é, o “eu” está intrinsecamente entrelaçado a um corpo, que, por sua vez, é o “eu” como um todo. Assim sendo, Stein (p. 122) afirma que o corpo vivo é percebido pela pessoa sempre como um “aqui”, ou seja, sempre é apreendido pelo indivíduo como sendo pertencente a ele; ao contrário dos demais objetos, os quais estão sempre “lá”, isto é, a alguma distância.

A segunda característica que difere os corpos vivos dos objetos materiais “mortos” é que aqueles são capazes de mover a si próprios - incluindo as plantas que se desenvolvem e são capazes de mover algumas de suas partes - independentes de outros corpos; “independente do acontecer causal natural que provoca o movimento dos corpos brutos” (CARDOSO; MASSIMI, 2013, p. 64).

A terceira característica dos corpos vivos da qual a vida deriva propriamente é de que o movimento dos organismos vivos advém do seu interior; mais precisamente de um “núcleo ou centro, que é o genuíno *primum movens*, aquele do que se pode dizer em sentido estrito que é o que ‘vive’, enquanto que do corpo físico que lhe pertence, se pode dizer unicamente

¹ Esa vinculación significa mucho mas que una inseparabilidad espacial. El cuerpo vivo, independentemente de sus cualidades sensibles, posee una cualidad que, en cuanto tal, ocupa toda su extensión, pero que no se halla en ninguna mera cosa espacial [...].

² Un objeto unitário en el que la unidade de conciencia de un yo y un cuerpo físico se ayuntan inseparablemente.

que esse corpo ‘está animado’” (STEIN, 2005, p. 792, tradução nossa, grifos da autora)³. Nesse sentido, a constante evolução e transformação própria dos seres vivos, embora seja influenciada pelos fatores externos, isto é, do ambiente em que os corpos se encontram, é direcionada pelo núcleo vital que contém em si o “mapa” do caminho evolutivo do ser vivo, dado que determina o que acontece com a totalidade desse ser vivo; de tal forma que no processo de evolução o ser vivo desempenha uma série de “atividades” (alimentação, respiração etc.), que não se constituem como fases do processo de desenvolvimento, todavia estão a serviço do núcleo. Além disso, Stein afirma que os seres vivos experimentam estados oscilantes – saúde, cansaço, enfermidade etc. – que, embora não estejam a serviço do núcleo, estão intimamente relacionados com ele, haja vista que testemunham a existência da *energia vital* presente em todos os organismos vivos e da qual dependem as atividades do ser vivo – servindo de estímulo ou inibição.

Edith Stein (2005, p. 794) postula que não há estrita relação de necessidade entre uma alteração no estado corporal e uma alteração nos processos vitais, embora seja nítida a influência das circunstâncias externas na energia vital orgânica. Stein concebe que embora o “eu”, ponto irradiador de todo vivenciar, seja análogo ao núcleo vital comum a todos os seres vivos, ambos se constituem como realidades distintas. A esse respeito, falam Cardoso e Massimi (2013, p. 64): “O sujeito das vivências está inserido no núcleo, de modo que este último abarca uma variedade maior de processos vitais além dos estados intencionais conscientes provenientes do ‘eu’ puro”. Assim sendo, um estado vital como o cansaço é sentido por todo o corpo sem que se possa localizá-lo como seria o caso de uma sensação - embora o indivíduo tenha consciência dele - manifestando mais do que uma energia vital orgânica, uma energia vital psíquica, que por ser consciente é percebida no transcurso das atividades do “eu”, isto é, é sentida no âmbito das atividades espirituais.

Em sua reflexão Edith Stein concebe, ademais, a vontade como a quarta característica peculiar dos corpos vivos. Para ela (2005, p. 796), a dupla natureza do sujeito – corpórea e espiritual – o possibilita interromper as relações de determinações causais da psique, nas quais o sujeito encontra-se passivo, permitindo que ele intervenha na sua dinâmica psíquica (CARDOSO; MASSIMI, 2014, p. 120); bem como permite ao sujeito atuar e modificar o

³ Hay un *núcleo o centro*, que es el genuíno *primum movens*, aquello donde el movimiento próprio tiene ultimamente su punto de partida. Tal núcleo es aquello de lo que puede decirse em sentido estricto que es lo que “vive”, mientras que del cuerpo físico que le pertenece se puede decir únicamente que esse cuerpo “está animado”.

mundo exterior criando novas coisas a partir das coisas existentes, precisamente porque esse sujeito possui o seu corpo como órgão de sua vontade.

Há ainda, segundo a filósofa, uma quinta característica definidora dos corpos próprios/vivenciados: a possibilidade de eles expressarem sua vida interior, a qual se denomina expressividade. Essa capacidade, embora seja encontrada em outros seres conscientes além do homem, se constitui como fundamental para compreender a subjetividade da pessoa humana, a qual não é encerrada em si, monódica ou se constitui como uma vida interior pura, todavia é do interior ao exterior; imprime no corpo o seu traço. Há, nesse sentido, segundo Cardoso e Massini (2014, p. 123), uma conexão de entre a vida interior e aquilo que é expressado no corpo, sendo que essa correlação revela-se como uma “lei rígida que determina a relação entre a expressão corporal e o acontecer interior expresso”, a menos que, por vontade própria, o sujeito deseje manipular suas expressões a fim de não transparecer o que se encontra em sua vida interior.

O corpo, outrossim, é para Edith Stein (2005, p. 796) como mediador entre a pessoa e o mundo espacial; por meio dele, ela recebe as impressões exteriores e possibilidade de que a pessoa realize efeito sobre o mundo, isto é, que o transforme por meio de construções, da literatura, da arte etc. “O mundo inteiro no qual o indivíduo atua leva a marca de sua personalidade: de seus traços típicos e de sua peculiaridade pessoal.” (STEIN, 2005, p. 818, tradução nossa).

A PSIQUE

Edith Stein diferencia as noções de estrutura psíquica e de consciência pura: enquanto por psique a filósofa designa o que se compreende por “alma”, realidade que, unida ao corpo vivo, constitui um sujeito psicofísico; por consciência pura compreende-se o “lugar” de origem das vivências do sujeito. Ademais, ao utilizar a expressão “interior” para referir-se à vida anímica ou espiritual da pessoa, Stein objetiva contrapor-la à externalidade do corpo, o que não significa dizer que a vida interior se localize espacialmente dentro do corpo, haja vista que “a vida do ‘eu’ é não espacial por excelência, algo ao qual não se possa assinalar nenhum lugar determinado” (STEIN, 2005, p. 776, tradução nossa)⁴.

⁴ La vida del “yo” es lo no-espacial por excelencia, algo a lo que no se puede asignar un lugar determinado.

Para Stein (2005, p. 798) a pessoa se define como unidade de corpo vivo e de alma, mas não de corpo vivo e de consciência; fazendo sentido somente tratar de qualidades psíquicas e não de qualidades da consciência. Por conseguinte, a estrutura psíquica faz parte da realidade – é um ente no interior do mundo - e, por isso, está submetida a leis de causalidade, possui qualidades próprias – desejo, prazer, desprazer, disposição de ânimo etc. - e pode modificar-se de acordo com as circunstâncias reais nas quais está inserida (STEIN, 2005, p. 799).

Assim sendo, a psique se distingue da consciência, porque aquela possui leis causais enquanto que nas vivências da consciência não se pode falar de causalidade, todavia de motivação. Posto isso, embora possa-se falar do fluxo da consciência como uma realidade de fases, em que cada uma pressupõe a anterior e possibilita as que virão, não é possível prever com exatidão as vivências de uma pessoa. Além disso, conforme afirma Bello (2015, p. 28), a consciência para a fenomenologia, na qual se insere o pensamento de Edith Stein, não é uma reflexão – que é uma atividade específica da consciência -, mas um estar cômico da vivência experimentada; portanto, enquanto a consciência é registro do que se está vivenciando, a psique, é o “lugar” onde se experimenta sensações, imagens, sonhos etc.

Os estados da psique, não são somente estados reais “mas são estados vivenciados do ‘eu’ e as vivências por meio dos quais se manifestam podem ser consideradas como vivências puras, sem ter em conta o que são no contexto do mundo real” (STEIN, 2005, p. 799). Pode-se perceber, por conseguinte, que embora sejam distintas há uma conexão entre psique e consciência, haja vista que os estados psíquicos são vivenciados pelo eu; melhor dizendo, cada emoção é sentida como própria, uma vez que a atividade espiritual ilumina o que o indivíduo está vivenciando (ALFIERI, 2014, p. 65). Portanto, “a vida psíquica atual está formada pela sensibilidade e espiritualidade que se encontram em conexão com a realidade” (STEIN, 2005, p. 800, tradução nossa)⁵.

A psique possui qualidades que também possuem aspectos sensíveis – visão, audição, tato etc – e espirituais – inteligência, arrebatamento, vontade etc., bem como é disposicional, de modo que conforme ocorre com o corpo vivo, a psique se desenvolve de acordo com a motivação que recebe do mundo circundante; isto é, suas qualidades podem ser adquiridas, bem como se modificar ao longo do tempo. Ademais, como afirmam Cardoso e Massimi (2014, p.127) as qualidades psíquicas, sejam elas sensíveis ou espirituais são formadas pelos

⁵ La vida psíquica actual está formada por la sensibilidad y la espiritualidade que han entrado en conexión con la realidade.

estados psíquicos – cansaço, saúde, enfermidade, ânimo etc. -, que por sua vez fornecem a condição para sua manifestação; assim como, para Stein o desenvolvimento da psique e de suas qualidades não se deve apenas ao estímulo do ambiente externo, mas é o movimento de uma disposição original.

O que confere, para a filósofa, à vida interior a característica de ser pessoal é o caráter, haja vista que se designa pessoa “aquele nível de realidade composta por qualidades estáveis que remetem ao caráter ou personalidade – qualidades psíquicas idiossincráticas – definidoras da pessoa” (CARDOSO; MASSIMI, 2014, p. 128). Por conseguinte, o caráter é formado a partir das qualidades psíquicas em constante desenvolvimento, de modo que ele é o resultado da vida afetiva, ou dos sentimentos que podem atuar sobre a vontade ou comportamento da pessoa. Em todo ato em que se valora algo, em que se sente um impulso e esse se transforma em vontade e em ação, há uma atividade do “eu”, que provoca uma alteração nos sentimentos e estados vitais da pessoa, possibilitando a geração de mudanças no caráter (CARDOSO; MASSIMI, 2013, p. 66).

Também entendimento e sensibilidade são determinantes na evolução do caráter; aquele para captar os estados das coisas ou para ter ideias claras das consequências das ações a fim de tomar decisões corretas, e esta para discernir os valores do mundo perceptível e desenvolver sua receptibilidade para tais valores (STEIN, 2005, p. 804). Assim sendo cabe ao indivíduo o protagonismo sobre o desenvolvimento do seu caráter, dado que a pessoa é livre para exercitar sua sensibilidade e seu entendimento e fazer com que surjam nela qualidades permanentes que a disponham a atos virtuosos.

Dentre as estruturas da psique, o caráter é o que confere a singularidade ao sujeito, isto é, possui a peculiaridade de *seu único* para cada pessoa, pois “[...] apesar de que uma disposição sensível possa ser eventualmente igual, o estado perceptivo das pessoas é sempre um estado individualmente diverso” (STEIN, 2005, p. 809, tradução nossa)⁶. Ademais, a disposição original do caráter que lhe confere uma unidade interna singular é compreendida por Stein como a essência da pessoa, a qual não se desenvolve, mas que vai se mostrando com o desenvolvimento do caráter, segundo as circunstâncias favoráveis e desfavoráveis.

O caráter, portanto, se desenvolve a partir de um núcleo pessoal anímico e se manifesta, se expressa no corpo, indicando assim o movimento próprio da vida espiritual (KUSANO, 2014, p. 132); contudo a vida do “eu”, como postula Edith Stein, não está voltada

⁶ [...] apesar de que una disposición sensible pueda ser eventualmente igual, el estado perceptivo de esas personas es siempre un estado individualmente diverso.

apenas para o mundo exterior, mas o eu, autor das vivências, possui a capacidade de abrigar em si o mesmo mundo, fornecendo-lhe uma morada no interior de sua alma. “A alma é o centro da pessoa, é o ‘lugar’ em que ela é em si mesma. Pode haver espíritos pessoais que vivam puramente para o exterior. A peculiaridade dos dotados de alma, como somos nós os seres humanos, é que estes podem estar consigo mesmos.” (STEIN, 2005, p. 811, tradução nossa)⁷.

Para a filósofa, haveria um princípio vital nas plantas – *alma vegetativa* –, o qual garante que elas sejam mais do que simples matéria física, mas cresçam, desenvolvam-se e se reproduzam, e uma interioridade característica dos animais – *alma anímica* –, dado que estes são sensitivos. Assim, “[...]o organismo da planta tem como sentido fundamental de seu processo tornar-se o que está prescrito já na semente, e para isso, sua vida se empenhará unicamente em organizar a matéria disponível, descartando o que é indesejável [...]” (KUSANO, 2014, p. 81); bem como ela (a planta) “não está aberta para dentro, não existe para si mesma, não vive em si mesma” (STEIN, 2003, p. 604, tradução nossa)⁸.

Com relação aos animais, ocorre uma superação do nível meramente orgânico, de modo que são capazes de expressar o que se passa em seu interior, possuem maior liberdade de movimento, são instintivos, sensitivos e possuem uma abertura para dentro de si mesmos; em outras palavras, eles detêm uma vida interior, a qual é característica fundamental dos seres ditos sensitivos. Ademais, conforme afirma Stein (STEIN, 2003, p. 610), a partir das expressões dos animais é possível saber qual é o seu estado interior – tristeza, alegria, fúria, medo, emoções.

Por conseguinte, a filósofa postula que o homem possui assim como as plantas um princípio vital que ordena o seu desenvolvimento e partilha com os animais a dimensão interior, todavia de maneira singular, haja vista que o homem possui vivências internas de primeira pessoa, isto é, pode dizer de si mesmo “eu”. A alma humana, embora vinculada ao corpo, possui capacidades espirituais não atadas de maneira imediata e inseparável ao corpo; portanto, é capaz de sair de si mesma, penetrar no interior das coisas, dos outros sujeitos e pode voltar-se sobre si mesma reconhecendo sua própria interioridade. Esta, portanto, é a peculiaridade que distingue a pessoa humana dos outros seres da natureza: sua alma espiritual.

⁷ El alma es el centro de la persona, el “lugar” donde ella está en sí misma. Puede haber espíritus personales que vivan puramente hacia el exterior. La peculiaridad de los seres dotados de alma, como somos nosotros los seres humanos, es que esos seres pueden estar consigo mismos.

⁸ [...] no está aberta hacia dentro, no existe para sí misma, no vive en sí misma.

O ESPÍRITO

É perceptível, ao analisar as dimensões corpórea e psíquica da pessoa humana, que brota do pensamento steniano a noção de espírito como uma dimensão imaterial e não simplesmente psíquica, que diz respeito às operações da consciência - operações cognitivas e os sentimentos intencionais no nível dos valores -, isto é, de tudo o que se relaciona à vida do eu, núcleo profundo da pessoa.

Conforme afirma Alfieri (2014, p. 68), as operações cognitivas dizem respeito ao conhecimento intelectual, qualidade do espírito que permite ao homem fazer ciência, filosofia e arte, assim como possuir uma religião; enquanto que a atividade valorativa, a operação no âmbito dos valores – estima da consciência pela qual sente atração ou repulsa -, não é, a rigor, um ato cognitivo, haja vista que os valores não são obtidos por meio de raciocínios, mas são constatados pela análise da natureza e vida social, embora sejam identificados e reconhecidos, o que envolve cognição.

Assim sendo, a vontade, qualidade da alma que lhe possibilita empenhar-se em favor dos valores estimados para além de qualquer determinação de uma disposição original – embora possa estar limitada por uma deficiência psíquica ou física - é compreendida pela filósofa como um fator espiritual determinante na estrutura da alma, dado que está enraizada no “eu” mesmo que “[...] é o que se empenha a si mesmo na realização de algum valor” (STEIN, 2005, p. 811, tradução nossa)⁹. Por conseguinte, o ser pessoal possui como específico a possibilidade de, ao contrário dos animais que sentem desejo e repulsa e esses determinam suas reações, autodeterminar-se. Posto isso, a liberdade é um constituinte irrenunciável da pessoa. “[...] o homem não está entregue inerte ao jogo dos estímulos e das respostas, mas pode fazer-lhes frente, pode vetar o que entra nele” (STEIN, 2003, p. 649, tradução nossa)¹⁰.

Assim como os animais, o ser humano possui reações no campo do instinto e da emoção, as quais estão ligadas apenas ao seu aspecto psíquico; porém ele é capaz dos atos espirituais, que envolvem pensamento – razão, inteligência – e valoração. Nesse sentido, haja vista que “[...] tanto os atos cognitivos como os atos valorativos operam como objetos (unidades de sentido que se apresentam à consciência)” (ALFIERI, 2014, p. 69), é possível

⁹ [...] es el que se empeña a sí mismo en la realización de un valor.

¹⁰ [...] el hombre no está entregado inerte al juego de los estímulos y las respuestas, sino que puede hacerles frente, puede poner un veto a lo que sube dentro de él.

perceber que em ambos os atos é a consciência intencional do homem que apreende um correlato objetivo. Ademais, essa capacidade humana de empenhar-se na direção de valores estimados – essa força de vontade - se fundamenta numa energia de “autoplasmação”, que diversa da liberdade de modelar-se possuída pelo caráter, não está limitada por uma disposição original, dado que está enraizada no “eu mesmo” (STEIN, 2005, p. 812).

Por fim, a definição de sujeito espiritual que perpassa todos os escritos de Edith Stein encontra-se na sua obra *Sobre o problema da empatia*: o sujeito é “[...] um eu em cujos atos se constitui um mundo de objetos e que cria objetos em virtude de sua vontade” (2005, p. 179, tradução nossa)¹¹. Destarte, os atos espirituais nos quais se manifesta o “eu” estão relacionados uns com os outros por uma cadeia de motivação, uma conexão de sentido que se constitui como algo totalmente diverso das relações causais do mundo natural, ou a causalidade psíquica, a qual possui certa passividade com relação ao ambiente em que se encontra inserida a alma. Assim o espírito é regido pela “capacidade intelectual e voluntária de controle” (KUSANO, 2014, p. 87); isto é, dado que “eu” é constituído de corpo e alma, ele é afetado pelo ambiente externo – há um vínculo –, todavia cabe a ele, indivíduo espiritual motivado, a escolha sobre o modo como fará frente ao que lhe é imposto de fora.

CONCLUSÃO

Para Edith Stein a subjetividade é um constitutivo essencial da estrutura da pessoa humana. Essa é a asserção crucial que pode ser concluída da análise do seu pensamento, para quem o ser sujeito implica necessariamente o ser pessoal, dado que ao se analisar o sujeito, é perceptível a existência de uma vida interior, uma vida do “eu” constituída de aspectos anímicos e espirituais; a qual, todavia, está inscrita corporalmente, isto é, experimenta o corpo como mediador entre ela – vida interior – e o que ocorre no mundo externo.

Nesse sentido, o percurso filosófico de Stein permite perceber a subjetividade como estando fundamentada numa consciência intencional, ou seja, numa consciência que não é considerada sem si mesma, porque é sempre consciência de algo, mesmo quando consciência de si. Ademais, vê-se que a filosofia de Edith Stein se constitui como uma oposição à noção de consciência como substância isolada do mundo das coisas; haja vista que a consciência possui irrenunciavelmente uma faceta subjetiva – as vivências internas do sujeito – e uma

¹¹ [...] un en cuyos actos se constituye un mundo de objetos y que crea objetos él mismo en virtude de su voluntad.

objetiva – o objeto a que se dirige, seu constitutivo essencial. Ademais, por objeto Stein entende tudo o que se apresenta diante do sujeito, seja uma coisa física, material, imaterial, psíquica, espiritual.

Se para a atualidade o estudo da consciência torna-se cada vez mais significativo para as diversas áreas do saber, como filosofia, psicologia, neurociência etc. nas quais, não raras vezes, coloca-se em cheque a existência de estados internos, subjetivos, unificados, ordenados de ciência ou sensibilidade, para Stein a pessoa é um indivíduo absoluto, único e singular. Por conseguinte, para a filósofa o sujeito possui vivências internas de primeira pessoa, o que pode ser verificado, por exemplo, no fato de que ele experimenta seu corpo como próprio, além de ser capaz de saber-se como si mesmo, como diferente dos outros sujeitos presentes no mundo.

Ademais, para a filósofa, pessoa humana é tripartida – *corpo, alma e espírito* – e essencialmente unitária. Assim, como fora demonstrado, o corpo não é na reflexão steiniana uma espécie de “cárcere para alma”, mas constitui a dimensão material do sujeito pela qual ele pode ser afetado pelo ambiente externo, pelo qual expressa o que se passa em sua vida interior e pela qual atua no mundo, imprimindo nele as marcas da sua personalidade. No que diz respeito à análise das outras duas dimensões da pessoa, foi possível por meio deste escrito evidenciar o modo como Stein diferencia a estrutura psíquica e a consciência pura, a qual diz respeito à vida do “eu”, âmago profundo da pessoa.

Ao se apresentar a distinção entre consciência e psique, no pensamento de Stein, certamente ficam abertas possíveis perguntas sobre as implicações que decorrem do fato de a autora negar que exista causalidade nas vivências da consciência. Desse modo, a reflexão de Edith Theresa H. Stein prossegue numa vasta bibliografia em que trata de questões como: qual a relação entre subjetividade e intersubjetividade? Qual é a disciplina científica cuja metodologia permita tratar da subjetividade humana? Que lugar ocupa o transcendente na antropologia de Stein? Mas essas são questões para produções futuras.

REFERÊNCIAS

ALFIERI, Francesco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**: uma nova fundação da antropologia filosófica. Organização e tradução de Clio Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BELLO, Angela Ales. **Pessoa e comunidade**: comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein. Tradução de Miguel Mahfoud, Ir. Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

CARDOSO, Carolina Resende Damas. **Contribuições de Edith Stein para a psicologia científica**. Curitiba: Appris, 2014.

CARDOSO, Carolina de Resende Damas; MASSIMI, Marina. Fundamentação da psicologia enquanto ciência da subjetividade: contribuições da fenomenologia de Edith Stein. In: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (Org.). **Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa**. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

KUSANO, Mariana Bar. **A antropologia filosófica de Edith Stein: entre Deus e a filosofia**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. In: STEIN, Edith. **Obras Completas IV: Escritos filosóficos – Etapa Fenomenológica**. Vitoria: El Carmen, 2003.

STEIN, Edith. Introducción a la filosofía. In: STEIN, Edith. **Obras Completas II: Escritos filosóficos – Etapa Fenomenológica**. Vitoria: El Carmen, 2005.